

Building the way

**MAANAPE E A TENSÃO ENTRE TRADIÇÃO E
MODERNIDADE EM *MACUNAÍMA***

**MAANAPE AND THE TENSION BETWEEN TRADITION
AND MODERNITY IN *MACUNAÍMA***

Taynara Ramos Batista Aires¹ 

RESUMO

O livro *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade é um marco do Modernismo brasileiro destacando-se pela sua complexa teia de referências culturais, míticas e históricas que refletem a diversidade do Brasil. Entre as personagens que compõem essa narrativa multifacetada, a escolha de trabalhar Maanape, irmão do protagonista Macunaíma, emerge por representar uma figura de grande relevância simbólica. Ele personifica a continuidade da tradição mágica e espiritual, vinculando-se, simultaneamente, a elementos das culturas indígenas e afro-brasileiras. Este estudo, então, propõe-se a investigar como Maanape representa essas tradições, atuando como um contraponto ao protagonista e um elo com a ancestralidade. Para isso, é necessário analisar a representação de Maanape em *Macunaíma* e o seu papel simbólico como um mediador entre a tradição e a modernidade. Além de identificar os traços característicos da personagem Maanape e seu vínculo com as culturas afro-brasileira e indígena, explorando a relação entre Macunaíma e seu irmão, para destacar como suas interações simbolizam os conflitos culturais da primeira fase do Modernismo brasileiro, além de contextualizar a leitura em um panorama histórico-cultural brasileiro, à luz do Modernismo. Para essa pesquisa, foram utilizados teóricos como: Mário de Andrade, Mikhail Bakhtin, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Roque Laraia, Ivan Junqueira e Mircea Eliade.

PALAVRAS-CHAVE: Macunaíma. Mario de Andrade. Maanape. Cultura. Modernidade.

¹Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Literatura em Interfaces: Transdisciplinaridade e Interculturalidade” (LINTERFACES/UEG/CNPq).

tayramosl23@gmail.com

<https://lattes.cnpq.br/9751943014661433>

<https://orcid.org/0009-0002-9305-0869>

Building the way

ABSTRACT

The book *Macunaíma* (1928) by Mario de Andrade is a landmark of Brazilian Modernism, standing out for its complex web of cultural, mythical and historical references that reflect the diversity of Brazil. Among the characters that make up this multifaceted narrative, the choice to include Maanape, the brother of the protagonist Macunaíma, emerges because he represents a figure of great symbolic relevance. He personifies the continuity of the magical and spiritual tradition, simultaneously linking himself to elements of indigenous and Afro-Brazilian cultures. This study therefore proposes to investigate how Maanape represents these traditions, functioning as a counterpoint to the protagonist and as a link with ancestry. To do so, it is necessary to analyze the representation of Maanape in *Macunaíma* and his symbolic role as a mediator between tradition and modernity. In addition to identifying the characteristic traits of the character Maanape and her connection with Afro-Brazilian and indigenous culture, exploring the relationship between Macunaíma and his brother, to highlight how their interactions symbolize the cultural conflicts of the first phase of Brazilian Modernism, in addition to contextualizing the reading in a Brazilian historical cultural panorama, in the light of Modernism. For this research, theorists such as: Mario de Andrade, Mikhail Bakhtin, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Roque Laraia, Ivan Junqueira and Eliade Mircea were used.

KEYWORDS: Macunaíma. Mario de Andrade. Maanape. Culture. Modernity.

Introdução

O Modernismo brasileiro, inaugurado oficialmente com a Semana de Arte Moderna de 1922, foi um movimento cultural e artístico que marcou uma ruptura significativa com os padrões estéticos e ideológicos que predominavam até então. Sua gênese está intimamente ligada às transformações sociopolíticas do Brasil do início do século XX, caracterizado por uma modernização acelerada e por tensões entre

Building the way

tradição e progresso. A primeira fase do Modernismo, que se estendeu até meados da década de 1930, destacou-se pela busca de uma identidade cultural genuinamente brasileira e pela experimentação artística radical.

No início do século XX, o Brasil vivia as consequências da Proclamação da República (1889), do fim da escravidão (1888) além do processo de urbanização e industrialização que transformava o cenário econômico e social do país. A ascensão de novas elites urbanas e o contato com as vanguardas europeias como o Futurismo, o Cubismo e o Surrealismo, estimularam a busca por uma arte que refletisse a modernidade, rompendo com o academicismo e parnasianismo dominantes.

Macunaíma, publicado em 1928 por Mário de Andrade, é uma obra emblemática da primeira fase do Modernismo brasileiro. Classificado como uma rapsódia, o romance sintetiza a diversidade cultural do Brasil, incorporando elementos do folclore indígena e afro-brasileiro. O protagonista, Macunaíma, é um “herói sem nenhum caráter”², representando a ambiguidade da identidade nacional brasileira, marcada pela esperteza e pela falta de um caráter definido. A narrativa não segue as convenções realistas, refletindo a busca por uma linguagem coloquial e a crítica à modernidade urbana. Assim, *Macunaíma* se torna uma peça chave na construção da literatura nacional, desafiando idealizações românticas e promovendo uma nova percepção do povo brasileiro.

O livro *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade é um marco do Modernismo brasileiro destacando-se pela sua complexa teia de referências culturais, míticas e históricas que refletem a diversidade do Brasil. Entre as personagens que compõem essa narrativa multifacetada, a escolha de trabalhar Maanape, irmão do protagonista Macunaíma, emerge por representar uma figura de grande relevância simbólica. Ele

² Subtítulo do livro *Macunaíma*.

Building the way

personifica a continuidade da tradição mágica e espiritual, vinculando-se, simultaneamente, a elementos das culturas indígenas e afro-brasileiras.

Esta análise propõe investigar a representação de Maanape, destacando seu papel como contraponto ao protagonista e como vínculo com a ancestralidade. Para isso, é preciso examinar a figura de Maanape em *Macunaíma*, enfocando seu significado simbólico como um mediador entre a tradição e modernidade. Além disso, são identificados seus traços característicos e a conexão com as culturas afro-brasileira e indígena, explorando a relação com seu irmão para evidenciar como suas interações refletem os conflitos culturais da primeira fase do Modernismo brasileiro. Todo esse estudo será contextualizado no panorama histórico-cultural do Brasil à luz do Modernismo.

Culturalmente, a primeira fase do Modernismo foi marcada pela dualidade entre a tradição e o novo. Se, por um lado, os modernistas criticavam o academicismo e o passadismo representados por movimentos como o parnasianismo, por outro, buscavam dialogar com as raízes culturais brasileiras, revisitando temas históricos, míticos e folclóricos. Essa tensão entre a modernização e a preservação das tradições locais tornou-se um dos traços mais marcantes do movimento.

Portanto, o Modernismo brasileiro da primeira fase não foi apenas uma manifestação artística, mas também uma resposta cultural a um país em transformação. Ao mesmo tempo em que rompeu com os modelos tradicionais, o movimento reivindicou a autenticidade cultural brasileira, propondo um olhar crítico sobre a modernidade e sua relação com a identidade nacional. O legado dessa fase inicial é um testemunho da complexidade e da riqueza do Brasil no início do século XX ainda presente nas discussões sobre arte e cultura.

Building the way

Tradição e Modernidade no Brasil Modernista

No plano histórico, o Brasil vivia um momento de transição e mudanças. O fim da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) trouxe um clima de renovação intelectual e econômica global, enquanto, internamente, a República Velha (1889 - 1930) enfrentava desafios estruturais. O país começava a se urbanizar e industrializar, especialmente, em centros como São Paulo, que atraía migrantes e estrangeiros em busca de oportunidades. Esse cenário fomentou uma nova elite intelectual, mais cosmopolita e ansiosa por dialogar com os movimentos de vanguardas europeus, como o Futurismo, o Dadaísmo e o Expressionismo.

O Modernismo no Brasil apresentou características distintas ao longo de suas diferentes fases, mas algumas diretrizes comuns podem ser identificadas como a ruptura com o tradicionalismo. Junqueira (1993) em seu ensaio *Modernismo: tradição e ruptura*, defende que houve uma rejeição às formas clássicas e aos modelos importados, buscando-se uma linguagem mais livre, coloquial e alinhada às particularidades brasileiras. Diferentemente de movimentos anteriores, o Modernismo propôs uma visão crítica da realidade brasileira, exaltando elementos da cultura popular e indígena, mas também questionando problemas sociais e econômicos. De acordo com Alfredo Bosi, “A modernidade da sua dicção afere-se pela ousadia e pelo jeito desabrido do léxico e do ritmo frásico, solto” (Bosi, 2003, p. 195), ou seja, a busca por uma arte genuinamente nacional, envolveu a incorporação de temas, personagens e paisagens brasileiras.

Entre os protagonistas desse período, inicialmente, destacam-se figuras como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Anita Malfatti. Cada um a seu modo, contribuiu para essa renovação. Mário de Andrade trouxe uma abordagem provocadora e irônica em textos como o *Manifesto*

Building the way

Pau-Brasil (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928), propondo a “antropofagia cultural” como uma metáfora para a capacidade brasileira de absorver e transformar influências externas em algo autêntico. A Semana de Arte Moderna, realizada no *Theatro* Municipal de São Paulo, foi o marco inicial desse movimento, com apresentações, exposições e palestras que chocaram o público pela ousadia e irreverência. Apesar das críticas iniciais, o evento consolidou os ideais modernistas, que incluíam a liberdade formal, a experimentação estética e a valorização da língua brasileira coloquial.

A primeira fase do Modernismo brasileiro é frequentemente chamada de fase heroica. Segundo Antonio Candido (2002), esse período foi crucial para a renovação da literatura brasileira, rompendo com as tradições estéticas anteriores e promovendo uma busca pela identidade nacional. A Semana de Arte Moderna de 1922 marcou o início desse movimento, que se caracterizou pela ousadia, inovação e crítica sociopolítica. Autores como Mário de Andrade e Oswald de Andrade exploraram temas locais, utilizando uma linguagem coloquial e liberdade formal, refletindo a complexidade da realidade brasileira.

Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945), explora diversos elementos da cultura popular brasileira, refletindo a riqueza e a diversidade do país. A obra incorpora mitos indígenas e lendas folclóricas que são fundamentais para a construção da narrativa. O protagonista “herói de nossa gente” (Andrade, 2001, p. 13), simboliza a complexidade da identidade nacional, enquanto suas aventuras revelam aspectos da cultura afro-brasileira e indígena. A linguagem coloquial utilizada por Mário de Andrade também destaca a oralidade e as expressões populares, contribuindo para uma representação crítica e autêntica do povo brasileiro.

Building the way

Bakhtin (2017) expressa a importância da indissociabilidade entre a literatura e os elementos socioculturais e históricos que compõem o cenário de sua produção: “A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda cultura de uma época” (Bakhtin, 2017, p. 3). Dessa forma, a obra literária não é um artefato isolado, mas um reflexo e uma interlocução com as questões, valores e contradições de sua época. Aplicando essa perspectiva ao livro de Mário de Andrade, é possível compreender como ele atravessa e dialoga intensamente com o contexto cultural e histórico do Brasil.

O Modernismo brasileiro consolidou uma nova forma de pensar e produzir arte, tornando-se um dos momentos mais significativos da história cultural do país. Ao questionar as normas estabelecidas e propor uma arte que dialogasse com as especificidades da cultura nacional, o movimento abriu caminho para as gerações seguintes de artistas e intelectuais, onde “[...] Cada cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou [...] todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado” (Laraia, 1986, p. 36-38), ou seja, reafirma a importância da diversidade e da inovação.

O impacto do Modernismo estende-se até os dias de hoje, sendo fundamental para compreender a pluralidade da produção cultural brasileira e sua capacidade de dialogar com o passado e o presente, valorizando a cultura popular e rompendo com as normas literárias da época, privilegiando uma linguagem coloquial e humorística, mantendo-se relevante em diferentes contextos históricos e sociais. Com isso, *Macunaíma* oferece uma crítica ao colonialismo cultural e enfatiza a importância de uma identidade autêntica, livre das imposições europeias.

Representações das culturas em *Macunaíma*

Building the way

Os conhecimentos culturais sempre desempenharam um papel fundamental na formação da identidade nacional brasileira, mas historicamente, as culturas indígenas e afro-brasileiras foram marginalizadas ou romantizadas pelas elites intelectuais. No período modernista, essas culturas foram resgatadas como fontes legítimas de inspiração artística e literária, tornando-se centrais para a criação de personagens e enredos que desafiassem os cânones da tradição, por isso, Laraia (1986, p. 12) exemplifica que “É possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico”. Diante disso, a escolha de trabalhar personagens oriundos das culturas indígenas e afro-brasileira no Modernismo não foi apenas uma questão estética, mas também política.

Tomaz Tadeu da Silva, em sua obra *Identidade e diferença* (2000), explora como identidade e diferença são interdependentes e resultam de processos sociais e discursivos. Ele critica abordagens que apenas celebram a diversidade, defendendo uma análise crítica que problematize as identidades. Em relação a *Macunaíma* (1928), a figura do herói sem caráter reflete a complexidade da identidade brasileira, marcada por hibridismos e contradições. A narrativa exemplifica a ideia de que a identidade é multifacetada e influenciada por contextos culturais, alinhando-se com as reflexões de Silva (2000) sobre a construção social da identidade.

A diversidade cultural em *Macunaíma* (1928) é abordada por meio da representação de múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira. Pensando nisso, Stuart Hall (2006) afirma que o processo de formação identitária se dá pela marcação da diferença, o sujeito é o que outro não é, assim, entende-se que a identidade é fundamentalmente constituída a partir das diferenças. Mário de Andrade (2002) utiliza o protagonista, um herói sem caráter, para explorar a miscigenação entre as

Building the way

culturas indígena, africana e europeia, evidenciando a pluralidade cultural do Brasil.

Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

— Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se antes e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou bem negro bem filho da tribo Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa (Andrade, 2001, p. 40).

Um exemplo claro é a presença da cultura afro-brasileira ao lado das tradições indígenas e europeias, como na caracterização dos três irmãos, a miscigenação étnica visível no livro, a transformação dos personagens após o banho num rio mágico simboliza isso: Macunaíma fica branco, Jiguê fica como índio nativo e Manaape permanece negro, representando respectivamente o europeu, o indígena e o africano no imaginário nacional. Além disso, o autor Mário de Andrade menciona práticas e crenças pertencentes à cultura afro-brasileira como parte integrante da construção da identidade nacional. O sincretismo religioso, como a macumba, surge em passagens que tratam da mitologia e dos costumes populares, enriquecendo a narrativa com elementos culturais afrodescendentes.

Building the way

Mario de Andrade (2002) critica a ideia de uma identidade nacional homogênea, mostrando como as influências culturais se entrelaçam e transformam o entendimento do que é ser brasileiro. As aventuras de Macunaíma refletem a complexidade e a riqueza da cultura brasileira, revelando as contradições e a dinâmica das interações sociais. Stuart Hall (2006) argumenta que essa multiplicidade reflete a complexidade das experiências contemporâneas, nas quais as identidades são continuamente reconfiguradas por fatores sociais e culturais. Embora o autor não faça menção direta à narrativa estudada, esta pode ser compreendida como uma exemplificação das ideias sobre a diversidade e a complexidade das identidades culturais no Brasil.

No caso da representação indígena, os modernistas buscaram revisitar o imaginário construído em torno da figura do índio, tradicionalmente idealizado como um herói nobre e intocado pela civilização, como no indianismo romântico. Alfredo Bosi (2003) afirma que em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, por exemplo, o protagonista é um anti-herói que encarna as características híbridas: ao mesmo tempo que representa o mito indígena, também reflete as contradições e os traços miscigenados do povo brasileiro. Macunaíma não é uma figura idealizada, mas um símbolo complexo e multifacetado que permite ao autor explorar questões como a diversidade cultural e a fragmentação identitária.

A morte do gigante Piaimã, no livro e no filme apresentam diferenças significativas de cunho cultural, pois no livro, Macunaíma derrota-o jogando em um tacho de macarrão fervente, simbolizando a vitória do herói sobre a opressão europeia

O gigante caiu na macarronada fervendo e subiu no ar um cheiro tão forte de couro cozido que matou todos os tico-ticos da cidade e o herói teve uma sapituca. Piaimã se debateu muito e já estava morre-não-morre. Num esforço

Building the way

gigantesco inda se ergueu no fundo do tacho. Afastou os macarrões que corriam na cara dele, revirou os olhos pro alto, lambeu a bigodeira:

— Falta queijo! Exclamou...

E faleceu.

Este foi o fim de Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente. (Andrade, 2001, 129).

Já na adaptação cinematográfica de Joaquim Pedro de Andrade (2001), a cena é mais dramática e direta; a morte ocorre logo após Macunaíma encontrar Uiara, ressaltando a fragilidade do herói e sua busca por prazer. Na adaptação em uma hora, vinte e seis minutos e 10 segundos o gigante Piaimã diz que só faltava Macunaíma para a feijoada trazendo a representatividade africana, além de tudo, essa cena ainda foi gravada no Parque Lage no Rio de Janeiro, onde, no lago, aparecem restos mortais remetendo ao prato dito.

Por outro lado, a representação afro-brasileira no Modernismo também foi marcada pela tentativa de dar visibilidade à herança cultural africana no Brasil, frequentemente relegada ao papel de substrato folclórico ou exótico. Obras como as de Manuel Bandeira e Jorge de Lima também no Modernismo, incorporaram elementos das tradições afro-brasileiras, como o candomblé³, a música e a oralidade, para dar corpo a enredos que problematizavam a invisibilização e a subalternização desses sujeitos na sociedade brasileira. Essa valorização se deu, muitas vezes, por meio da adoção de uma linguagem mais coloquial e pela introdução de temas e personagens que refletiam a vivência das populações afrodescendentes.

³ Religião de origem africana que, trazida para o Brasil pelos povos africanos que foram escravizados no século XIX, especialmente bantos e nagôs, apresenta na sua essência elementos ligados aos ancestrais e à natureza. CANDOMBLÉ. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/candomble/>. Acesso em 13/01/2025.

Building the way

Maanape: a voz da tradição em Macunaíma

O livro *Macunaíma* (1928) é um dos pilares do Modernismo brasileiro, sendo amplamente analisado por seu caráter multifacetado. Enquanto Macunaíma, como protagonista, é constantemente associado à malandragem e à essência contraditória do “herói sem nenhum caráter”, seu irmão Maanape, muitas vezes, recebe menos atenção. Contudo, Maanape desempenha um papel crucial ao simbolizar a ligação com a ancestralidade e as práticas mágicas indígenas, atuando como um contraponto à modernidade e ao racionalismo que permeiam o cenário cultural e político brasileiro no século XX.

Diante disso, é perceptível que

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (Laraia, 1986, p. 45).

A citação de Roque Laraia (1986) descreve tanto a personagem Maanape, quanto o protagonista Macunaíma e até mesmo o autor Mário de Andrade, pois demonstra que o reflexo da convivência cultural é através do meio social. Enquanto Macunaíma representa o povo brasileiro e o seu “jeitinho” de lidar com a realidade; Maanape representa as culturas afro-brasileiras desde a sua cor da pele às suas crenças e Mário por causa de seus estudos, usou seus conhecimentos para escrever a obra-prima do Modernismo brasileiro, no qual conseguiu unir as três grandes raças e etnias: brasileiro, indígena e africano.

Candido (1994), ao analisar *Macunaíma* (1928), destaca a diferença entre o protagonista e os demais personagens. Macunaíma é classificado como um anti-herói, apresentando uma personalidade complexa.

Building the way

Personagens como Curupira e a Princesa são consideradas personagens planas ou secundárias, com características mais superficiais e funções limitadas na narrativa. Já personagens como Maanape e Jiguê, os irmãos do protagonista simbolizam a cultura brasileira, representam estereótipos e tipos sociais. Mas neste estudo teremos foco apenas na análise de Maanape, na forma como ele é descrito em contextos que ressaltam a complexidade das relações entre as personagens e a formação da identidade nacional brasileira, como exemplificado em suas interações com Macunaíma, ainda acrescento o quanto o protagonista acaba ofuscando a análise das demais.

E toda a vocação dionisiaca de Oswald de Andrade, Raul Bopp, Mário de Andrade; este haveria, aliás, de elaborar as várias tendências do movimento numa síntese superior. A poesia Pau Brasil e a Antropofagia, animadas pelo primeiro, exprimem a atitude de devoração em face dos valores europeus, e a manifestação de um lirismo telúrico, ao mesmo tempo crítico, mergulhado no inconsciente individual e coletivo, de que Macunaíma seria a mais alta expressão (Candido, 2008, p. 130).

O estudo da personagem Maanape, de acordo com Candido (2008), permite uma nova leitura da obra focada na tensão entre a tradição e a modernidade, além de abordar questões identitárias fundamentais para o entendimento da formação cultural brasileira. Essa perspectiva permite explorar como a integração e a valorização das heranças culturais indígenas e africanas na construção simbólica do Brasil. A figura de Maanape, portanto, não apenas reforça o papel das tradições no cenário cultural brasileiro, mas também serve como um ponto de reflexão sobre os conflitos e continuidades que marcam a formação cultural do país.

A personagem Macunaíma é paradoxal e ambígua, assim como o Brasil que Mario de Andrade (2002) buscava retratar: múltiplo, diverso e marcado por contrastes. A redescoberta e valorização das raízes

Building the way

brasileiras, influenciando profundamente a visão sobre a cultura nacional e inspirando gerações a refletirem sobre o Brasil com um olhar crítico e, ao mesmo tempo, celebrativo de sua complexidade definindo ainda o que Roque Laraia afirma: “Cada sistema cultural está sempre em mudança” (Laraia, 1986, p. 52). Portanto, o protagonista reflete a diversidade e a transformação da identidade brasileira em um contexto de modernização e urbanização, especialmente em São Paulo. Macunaíma transita entre diferentes culturas, simbolizando a fluidez da identidade nacional e a resistência a uma definição fixa. Assim, a narrativa revela como as interações culturais moldam continuamente o Brasil, evidenciando que cada sistema cultural está sempre em mudança.

Maanape, irmão do protagonista Macunaíma, é descrito na narrativa como um pajé e feiticeiro, dotado de habilidades mágicas. A frase “Maanape era feiticeiro” (Andrade, 2001, p. 22) é repetida ao longo do livro nove vezes para reforçar a ideia da importância mística da personagem que é irmão mais velho do protagonista. Maanape, com suas habilidades transcende a simples condição de coadjuvante, assumindo um papel fundamental na narrativa ao ressuscitar Macunaíma uma vez no livro e; no filme, em duas, pois com sua sabedoria ancestral e a conexão com o sobrenatural auxilia Macunaíma em várias situações. Essa repetição também reflete a oralidade da narrativa, reforçando a identidade cultural e os laços familiares entre as personagens, além de destacar o papel de Maanape como um guia e mentor.

O livro *O Sagrado e o Profano* (1992), de Mircea Eliade, explora a dualidade entre o sagrado e o profano, enfatizando como as experiências religiosas moldam a percepção do mundo. Eliade (1992) argumenta que o sagrado se manifesta através das hierofanias, que são atos da manifestação do sagrado, revelando realidades transcendentais que estruturam a vida humana. Na cultura indígena, o sincretismo religioso é evidente, onde

Building the way

elementos cristãos se entrelaçam com tradições tribais. Essa fusão resulta em práticas religiosas que preservam a identidade cultural indígena, mesmo diante da influência externa.

Caracterizado como um pajé, conforme Paula Daniela Silva Marinho (2012), Maanape possui um papel fundamental ao incorporar a sabedoria e a magia indígena na narrativa. Ele possui habilidades sobrenaturais que o tornam capaz de ressuscitar Macunaíma e realizar outros feitos mágicos evidenciando sua conexão com as tradições espirituais e culturais indígenas. Para isso, Maanape utiliza práticas de catimbó⁴, ligadas ao sincretismo mágico-religioso presente em tradições populares brasileiras. Assim, no capítulo que conta sobre a morte da mãe de Macunaíma e seus irmãos, o autor Mário de Andrade escreve “Maanape que era catimbozeiro de marca maior, foi que gravou o epitáfio.” (Andrade, 2001, p. 22). Nesse caso, compreendemos que Maanape foi o responsável por escrever o que estaria escrito sobre o túmulo de sua mãe.

No capítulo VII, intitulado como Macumba, Mario de Andrade descreve: “A macumba se rezava lá no Mangue no zungu da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra mãe-de-santo afamada e cantadeira ao violão” (Andrade, 2001, p. 57). Essa conexão com o sobrenatural o posiciona como uma figura de sabedoria e espiritualidade, contrastando com a ambiguidade moral e a esperteza do irmão. A Tia Ciata, mencionada no capítulo discutido é uma figura emblemática que representa a conexão entre as tradições africanas e a cultura brasileira. Ela é descrita como uma mãe-de-santo e uma ancestral respeitada, além da

⁴ culto de feitiçaria que combina a magia branca europeia com elementos negros, ameríndios e católicos; catimbau, catimbaua [É chefiado por um 'mestre' que defuma os assistentes com seu cachimbo, e a quem se recorre para resolver problemas diversos, seja para o bem, seja para o mal.]. CATIMBÓ. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/catimbo/>. Acesso em 13/01/2025.

Building the way

sua importância com a história do samba, em sua casa, no Rio de Janeiro, ela realizava rituais afro-brasileiros.

Entrou na sala cheia e afastando a mosquitada foi de quatro saudar a candomblezeira imóvel sentada na tripeça, não falando um isto. Tia Ciata era uma negra velha com um século no sofrimento, javevó e galguincha com a cabeleira branca esparramada feito luz em torno da cabeça pequetita. Ninguém mais não enxergava olhos nela, era só ossos duma compridez já sonolenta pendependendo pro chão da terra (Andrade, 2001, p. 57-58).

No contexto da narrativa, Macunaíma busca a ajuda de Tia Ciata para invocar Exu e se vingar do gigante Piaimã, simbolizando a luta do povo popular contra as forças opressoras. Sua presença destaca a importância das práticas afro-brasileiras na construção da identidade nacional. Tomaz Tadeu da Silva (2000) argumenta que identidade e diferença estão intrinsecamente ligadas às relações de poder. Ele afirma que a definição de identidade é um processo social e discursivo, onde o poder de demarcar diferenças não é neutro, mas sim uma disputa entre grupos sociais assimetricamente situados.

Ao analisar a produção da identidade em *Macunaíma* (1928) e a ideia de Silva (2000) envolve não apenas a afirmação de um grupo, mas também a busca por acesso a recursos simbólicos e materiais. Assim, onde há diferenciação, o poder está presente, evidenciando que identidade e diferença são construções sociais que refletem hierarquias e exclusões. No contexto de *Macunaíma*, Maanape é descrito como um pajé, sendo responsável por utilizar encantamentos, rituais e conhecimentos ancestrais para ajudar Macunaíma em suas aventuras, como

O herói picado em vinte vezes trinta torresminhos bubuiava na polenta fervendo. Maanape catou os pedacinhos e os ossos e estendeu tudo no cimento pra refrescar. Quando esfriaram a sarará Cambique derramou por cima o sangue

Building the way

sugado. Então Maanape embrulhou todos os pedacinhos sangrando em folhas de bananeira, jogou o embrulhou todos os pedacinhos sangrando em folhas de bananeira, jogou o embrulho num piquá e tocou pra pensão.

Lá chegando botou o cesto de pé assoprou fumo nele e Macunaíma veio saindo meio pamonha ainda, muito desmerecido, do meio das folhas. Maanape deu guaraná pro mano e ele ficou taludo outra vez (Andrade, 2001, p. 47).

A magia de Maanape, no entanto, não se limita ao âmbito indígena, mas também dialoga com elementos de matriz afro-brasileira, especialmente, no que se refere ao sincretismo presente em práticas religiosas como o candomblé e a umbanda⁵. Essa caracterização remete diretamente à figura do xamã⁶ ou curandeiro⁷ presente nas culturas indígenas brasileiras, que detém o poder de intermediar o mundo dos vivos e o mundo espiritual. Eliade (1992) discute a experiência do sagrado em diversas tradições religiosas, o que pode ser aplicado ao entendimento das religiões acima citadas que também manifestam essa dualidade entre o sagrado e o profano. Essas tradições incorporam elementos cristãos e indígenas, criando um sincretismo que ressoa com as ideias de Eliade sobre a sacralidade e a construção de espaços sagrados na vida cotidiana.

Conforme descrito, as práticas tradicionais e as religiosidades sincréticas, que moldam os cosmos particulares promovem o movimento dialógico que oferece os elementos importantes para a formação das identidades e das suas comunidades, “O homem toma conhecimento do

⁵ Religião que, originada no Rio de Janeiro, trouxe no seu nascimento elementos espíritas e bantos (grupo étnico trazido da África equatorial e austral para ser escravizado no Brasil), já com influências jeje-iorubas. UMBANDA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/umbanda/>. Acesso em 13/01/2025.

⁶ Sacerdote tribal de certos povos da Ásia setentrional, América do Norte etc., que utiliza meios mágicos para curar males e doenças, encontrar objetos perdidos e controlar acontecimentos. XAMÃ. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/xama-2/>. Acesso em 13/01/2025.

⁷ Indivíduo que, supostamente, cura doenças com rezas, benzimentos ou feitiçarias sem curso de habilitação; charlatão em medicina. CURANDEIRO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/curandeiro/>. Acesso em 13/01/2025.

Building the way

sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (Eliade, 1992, p. 17). O livro *Macunaíma* incorpora diversas práticas tradicionais brasileiras, refletindo a cultura oral e folclórica. A obra é uma rapsódia que mistura mitos indígenas, superstições e elementos da feitiçaria, como a presença do muiraquitã, um amuleto mágico. A narrativa destaca a oralidade através de repetições e ditos populares, criando uma musicalidade que remete às tradições orais. Além disso, Macunaíma vive metamorfoses que simbolizam o animismo, conferindo vida a elementos da natureza.

Subiu esperto pela capistrana pra não cansar, porém a vaca
era de raça Guzerá muito brava. Escondeu o leitinho pobre.
Mas Macunaíma fez uma oração assim:
Valei-me Nossa Senhora,
Santo Antônio de Nazaré,
A vaca mansa dá leite,
A braba dá si quis é!
A vaca achou graça, deu leite e o herói chispou pro sul
(Andrade, 2001, p. 54).

O protagonista também apresenta diversas práticas religiosas sincréticas como as já citadas, ele é consagrado filho de Exu, orixá das encruzilhadas, simbolizando a conexão com o sagrado afro-brasileiro. “Exu pegou três pauzinhos de erva-cidreira benta por padre apóstata, jogou pro alto, fez encruzilhada, mandando o eu de Venceslau Pietra vir dentro dele Exu para apanhar” (Andrade, 2001, p. 62). A obra também menciona rituais ligados à religiosidade afro-- ameríndia, como os cultos no terreiro de Tia Ciata, conforme já dito anteriormente, onde há uma mistura de crenças e práticas.

“Porque a macumba da tia Ciata não era que-nem essas macumbas falsas não, em que sempre o pai-de-terreiro fingia vir Xangô Oxosse qualquer, pra contentar os macumbeiros. Era uma macumba séria e quando santo aparecia, aparecia de veras sem nenhuma falsidade. Tia Ciata

Building the way

não permitia dessas desmoralizações do zungu dela e fazia mais de doze meses que Ogum nem Exu não apreciam no Mangue. Todos desejavam que Ogum viesse. Macunaíma queria Exu só pra se vingar de Venceslau Pietro Pietra (Andrade, 2001, p. 59-60).

Além disso, a narrativa incorpora mitos indígenas e elementos mágicos, como o muiraquitã, que simboliza a relação com a terra e a espiritualidade. Por fim, a personagem Maanape em *Macunaíma* representa a voz da tradição e a sabedoria ancestral, mesmo que por vezes irônica e sarcástica como no livro, foi e é importante para o conhecimento das raízes culturais e do conhecimento tradicional através da narrativa.

Considerações finais

Em suma, enquanto Macunaíma é caracterizado por sua astúcia, inconstância e falta de caráter; Maanape simboliza a ligação com as tradições ancestrais e os conhecimentos sagrados. Sua capacidade de manipular o poder mágico para intervir em momentos decisivos na narrativa sublinha o papel central do sobrenatural na construção da identidade cultural brasileira retratada na obra. Nesse sentido, Maanape pode ser interpretado como arquétipo de resistência e preservação cultural, representando aspectos fundamentais da cosmovisão indígena que permeiam a cultura nacional.

Através de Maanape, Mário de Andrade, incorpora elementos das tradições indígenas e da religiosidade popular brasileira, projetando uma imagem que reflete tanto a diversidade cultural quanto os valores simbólicos dessas heranças. A figura do pajé resgata o protagonismo das práticas mágicas e espirituais, frequentemente relegadas ao campo do exotismo ou do folclore, reafirmando sua legitimidade como parte integrante da identidade brasileira.

Building the way

Além disso, o contraste entre Maanape e Macunaíma ilustra a coexistência de opostos que definem o caráter plural do Brasil, uma das preocupações centrais do projeto modernista. Enquanto Macunaíma representa as contradições da miscigenação cultural do país; Maanape reforça o vínculo com as raízes indígenas, atuando como um elo com o passado e como um símbolo de continuidade diante das forças transformadoras da modernidade.

A narrativa destaca a hibridização cultural, onde elementos de diferentes origens se entrelaçam, evidenciando que a identidade brasileira é multifacetada e em constante transformação. *Macunaíma* é uma obra fundamental para entender a cultura e a identidade brasileiras. Ao apresentar o herói sem caráter, simboliza a diversidade e a complexidade da identidade nacional, no qual critica a idealização do indígena romântico, refletindo sobre as influências nativas indígenas e afro-brasileiras na formação cultural do Brasil.

Com isso, além de marcar o Modernismo brasileiro, propõe uma reflexão crítica sobre o que significa ser brasileiro em um contexto de pluralidade cultural e social. Em termos de identidade, essa narrativa aborda através de suas personagens analisadas a representação da complexidade e ambivalência do povo brasileiro, pois demonstra que a identidade nacional é fragmentada e contraditória, composta por elementos africanos, indígenas e europeus. Temos uma personagem que transita entre diferentes etnias e características, simbolizando a hibridização cultural, além de demonstrar uma crítica à imaturidade da identidade brasileira, destacando a necessidade de reconhecer suas múltiplas facetas e a luta contra estereótipos.

Dessa forma, a representação de Maanape em *Macunaíma* transcende sua função narrativa imediata, configurando-se como um elemento que reflete a resistência cultural, o sincretismo e as múltiplas

Building the way

facetas da identidade brasileira. Ele se torna, assim, um ponto de convergência entre o imaginário mítico e as preocupações estéticas e políticas do Modernismo, reafirmando a importância das tradições indígenas na formação cultural do país.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Texto revisto por Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2001.

ANDRADE, Mário de. **O movimento modernista**. In: ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje. In.: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências Humanas**. São Paulo: editora 34, 2017. p.9-20.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CANDIDO, Antonio, e outros. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CANDIDO, A.; CASTELLO. **Presença da literatura brasileira/Modernismo- História e antologia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Lembrança de Mário de Andrade**. In: CANDIDO, Antonio. O observador literário Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004e, p. 94-96.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e cultura de 1900 a 1945**. In: CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008a, p. 117-145.

Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 13/01/2025.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Building the way

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

JUNQUEIRA, Ivan. **Modernismo: tradição e ruptura**. Escolas literárias no Brasil, v. 2, 1993.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 17-101.

MACUNAÍMA. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Produção: Luiz Carlos Barreto. Brasil: Filmes do Serro, 1969. 1 filme (108 min). Sonoro, colorido.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA MARINHO, Paula Daniela. **A polimorfia do sagrado em Macunaíma: as manifestações religiosas indígenas na rapsódia de Mário de Andrade**. Interações [em linha]. 2012, 7(12), 103-122[fecha de Consulta 15 de Enero de 2025]. ISSN: 1809-8479. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313027340007>. Acesso em 15/01/2025.